

**O TRABALHO COM OS CONTOS DE FADAS ORIGINAIS E AS  
CONTRIBUIÇÕES DO MATERIAL INSTITUCIONAL “LER E ESCREVER” NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

***THE WORK WITH THE ORIGINALS FAIRY TALES AND THE CONTRIBUTION  
OF THE INSTITUTION’S MATERIAL “TO READ AND TO WRITE” IN THE  
LEARNING PROCESS***

Carolina Cristina da Silva<sup>1</sup>

Thiago Ferigati Squiapati Nicolau<sup>2</sup>

**RESUMO**

Os contos originais são capazes de “conversar” com as crianças, refletindo sobre angústias e outros sentimentos relacionados aos conflitos da vida humana, e, assim, parecem desafiar o tempo, fazendo-se presentes em meio a tantas histórias que nascem e morrem ao longo do tempo. Nesse contexto, é inegável a importância do trabalho com os contos originais durante a infância, uma vez que este gênero apresenta inúmeras possibilidades de trabalho ao longo da aprendizagem. Pensando nessa problemática, o objetivo desse estudo é investigar, por meio de uma pesquisa bibliográfica e de uma análise do material institucional “Ler e Escrever”, a relevância do trabalho com os contos de fadas no processo de aprendizagem da criança, analisando como estes estão sendo trabalhados em sala de aula nos dias atuais.

Palavras-chave. contos originais; aprendizagem; infância.

**ABSTRACT**

*The originals fairy tales are able to “talk” with the children, reflecting over the anxieties and other feelings related with the human life conflicts and, like that, it*

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Unifafibe de Bebedouro-SP. Email: carolinacristina1996@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Unifafibe de Bebedouro-SP. Email: thiagoferigati@yahoo.com.br

*seems to defy the time, making it present among so many stories which will fade along the time. In this respect, it is undeniable the importance of working with the original fairy tales during the early childhood, since that style shows a variety of work possibilities along the learning process. With this in mind, the objective of this study is to investigate, by a bibliographic research and by analyzing the governmental scholar books named "Reading and Writing", the importance of working with the fairy tales in the child's learning process, analyzing how this has been worked inside the classroom nowadays.*

*Keywords: originals fairy tales; learning process; childhood.*

## **1. Introdução**

O presente artigo tem como objetivo registrar a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil, analisando as contribuições do seu trabalho em sala de aula. Segundo Bethelleim (2001), o trabalho com os contos na infância é capaz de promover a construção de uma personalidade sadia, a socialização e a troca de experiências, uma vez que uma mente rica possibilita que a criança se torne emocionalmente capaz de reagir adequadamente a situações difíceis.

O estudo dos contos originais justifica-se pelo fato de permitir que se compreendam as necessidades emocionais da criança, ao se identificar o interesse que as mesmas estabelecem inconscientemente em determinadas histórias, sendo que esta percebe, por meio do enredo trazido pelos contos, que as dificuldades na vida são inevitáveis, e, muitas vezes, se identificam com os personagens das histórias, percebendo que estes dominam os obstáculos, sempre almejando a vitória. As crianças compreendem, por meio dos contos, mais do que com qualquer outro tipo de história sobre o mundo ao seu redor, bem como seus problemas cotidianos.

Considerando-se, por meio desses e de outros valores citados acima, que os contos são "ferramentas" importantes para o desenvolvimento infantil, o presente artigo, de natureza qualitativa, possui o intuito de aprofundar esse tema em três seções, que são organizadas a partir de levantamento bibliográfico, envolvendo as contribuições de diversos estudiosos da área para o referido tema, bem como a análise de material institucional. Como são vários tipos de contos existentes no

universo infantil, privilegiou-se, a partir do segundo momento do trabalho, delimitar este trabalho e refletir especificamente sobre os contos de fadas, escolhendo, assim, um gênero muito trabalhado na formação do aluno nos primeiros anos escolares.

Na primeira seção do seguinte artigo, chamada de “Contos infantis: origem, formação e questões sobre o gênero”, serão abordados alguns fatos históricos sobre os contos infantis, sua formação e questões sobre o gênero, sendo destacado alguns autores que contribuíram para a formação dos contos de fadas, sendo estes Charles Perrault; Jean La Fontaine; Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm) e Hans Christian Andersen; e, em um segundo momento deste trabalho, intitulado “Os contos de fadas e sua relevância para o desenvolvimento cognitivo/psíquico da criança”, será exposto sobre a relevância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil e como estes exercem significados diferentes na vida de cada criança.

A terceira, e última seção deste artigo, intitulada de “Os contos de fadas aliado ao processo de aprendizagem, com base na análise do material institucional “Ler e Escrever” do Ciclo I”, ocorrerá a partir da observação do trabalho com os contos em sala de aula, sendo realizada a análise do material institucional do projeto “Ler e Escrever”, desenvolvido pelo governo do Estado de São Paulo, de modo a verificar, por meio desse projeto didático, como os contos estão sendo trabalhados em sala de aula no século XXI, observando-se que são ferramentas ricas não somente para o desenvolvimento da personalidade, mas também no processo de aprendizagem.

## **2. Contos infantis: origem, formação e questões sobre o gênero**

Ao analisar o conto como gênero literário, observa-se que o mesmo vem por séculos encantando jovens e adultos, trazendo, em sua essência, verdades sobre as inquietações humanas e sobre os dilemas do cotidiano, “misturando” um toque de magia e realidade, buscando mostrar, também, que as dificuldades na vida são inevitáveis. No universo da criança, tudo isso acaba sendo mais provocante, uma vez que contribui para o desenvolvimento do imaginário e da criatividade.

Coelho (2003) apresenta alguns dados em relação à origem dos contos, destacando autores que contribuíram para a formação dos contos de fadas como

literatura infantil, constatando-se que, segundo a história da literatura, a primeira coletânea de contos infantis foi publicada no século XVII, na França, pelo poeta Charles Perrault, em que o mesmo trouxe oito histórias em verso, recontadas pelo povo da época, sendo estas “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “Cinderela/Gata Borralheira”, “Henrique do Tapete” e o “Pequeno Polegar”.

Outro dado importante para a literatura infantil, embora não se tratar especificamente do gênero conto, é a produção do intelectual da corte francesa, Jean La Fontaine, que, na mesma época, resgatou também histórias antigas, guardadas na memória da população, trabalhando durante anos na busca de tais histórias, reelaborando em versos esses textos antigos, criando a forma literária definitiva chamada de *Fábulas de La Fontaine*, sendo que este trabalhou de forma diferente seus recontos, procurando fontes documentais da Antiguidade, tais como: *Fábulas de Esopo* (Grécia), *Fábulas de Fedro* (Roma), parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais/renascentistas. Os textos presentes nas fábulas de La Fontaine, por exemplo, traziam denúncias das intrigas e injustiças entre o povo de sua época, em que por sua obra foram espalhadas pelo mundo fábulas, que se fundamentam na natureza humana, continuando ainda atuais por esse motivo; algumas dessas obras são: “O Lobo e o Cordeiro”, “O Leão e o Rato”, “A Cigarra e a Formiga”, “A Raposa e as Uvas”, “Perrette”, “A Leiteira e o Pote de Leite”, entre outros.

De acordo com Coelho (2003) por mais que a literatura infantil tenha nascido por meio das obras de Charles Perrault, foi somente um século depois, na Alemanha do século XVIII, que este tipo de produção foi definitivamente constituído e expandido pela Europa e pelas Américas, sobretudo pelas pesquisas linguísticas realizadas pelos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm). Os próprios Irmãos Grimm, por sua vez, dedicaram-se na busca das possíveis invariantes linguísticas, nas antigas narrativas que eram transmitidas de geração para geração, por meio da tradição oral.

Através de diversos estudos realizados, os Grimm selecionaram as histórias contadas pelo povo, formando uma coletânea que traz diversos contos lembrados nos dias atuais, como em “A Bela Adormecida”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borralheira”, “O Ganso de Ouro”, “Os Sete

Corvos”, “A Guardadora de Gansos”; “Joãozinho e Maria”, “O Pequeno Polegar”, “O Príncipe Sapo”, e vários outros contos que se expandiram pelo mundo a fora. Ao se analisar os contos dos irmãos Grimm, é possível observar que, na segunda edição de sua coletânea, os mesmos foram influenciados pelo ideário cristão e pelo fato de que alguns intelectuais da época ressaltaram em relação ao conteúdo trazido nos contos, já que retiraram episódios de violência e maldade presentes nas histórias, pensando, assim, no público infantil, no qual se obteve sucesso realizando tais adaptações, que abriram caminho para a criação da literatura Infantil.

Observa-se, então, que, a partir do século XVIII, por meio das contribuições dos irmãos Grimm, foram produzidos os primeiros livros para crianças, direcionando um olhar especial para a “infância”. Esse olhar para o público infantil se deu, segundo Zilberman (2003), pela formação de um modelo familiar burguês, constituindo a necessidade de uma nova noção de família, onde esta faixa etária começou a ser percebida como um ser especial, com necessidades específicas.

Ainda segundo Coelho (2003), no século XIX, com o início do Romantismo, o acervo dos Contos Literários Infantis foi completado pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, o qual trouxe um pouco da realidade cotidiana em seus contos, enfocando a injustiça social e o egoísmo. Andersen trabalhou, em seus contos, questões de valores ideológicos, pensando em transmitir estes ensinamentos para as crianças, uma vez que suas histórias sugeriam os mesmos padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizava. Podem-se observar, em todos os contos de Andersen, esses valores ideológicos citados acima, sendo as narrativas mais populares: “O Patinho Feio” e “A Pequena Vendedora de Fósforos”, que tratam da valorização do indivíduo por suas qualidades próprias e não por seus privilégios ou atributos sociais; “O Sapo”, que trabalha a ânsia de expansão do Eu, pela necessidade de conhecimento de novos horizontes e da aceitação de seu Eu pelo outro; “O Soldadinho de Chumbo”, que traz a consciência da precariedade da vida, da contingência dos seres e das situações; “O Rouxinol”, que traz a crença na superioridade das coisas naturais em relação às artificiais, dentre outros ensinamentos encontrados em seus 168 contos publicados.

A história dos contos traz consigo uma questão que gera diversas dúvidas entre os leitores, em que os mesmos se confundem facilmente na diferenciação

“conto de fadas” de “conto maravilhoso”, o que também acaba sendo uma polêmica sobre o assunto até mesmo para os estudiosos. Entende-se que as formas narrativas “conto de fadas” e “conto maravilhoso” possuem diferenças de acordo com a problemática que lhes serve de fundamento, em que, de acordo com Coelho (2003), os contos maravilhosos são definidos da seguinte maneira: “pode-se dizer que o conto maravilhoso tem raízes orientais e gira em torno de uma problemática material/social/sensorial- a busca de riquezas; a conquista de poder; a satisfação do corpo etc.” (p.79). A definição de conto maravilhoso, trazida por Coelho, diz que sua problemática gira em torno da realização socioeconômica do personagem presente na história, em que o enredo trabalha com a busca de riquezas; conquista de poder, entre outras situações do tipo, deixando claro que nesse tipo de conto, o amor não aparecerá como tema central. Alguns exemplos de contos maravilhosos são os seguintes: “O Gato de Botas”; “Aladim e a Lâmpada Mágica”; “Ali baba e os 40 Ladrões”, entre outros.

Por outro lado, diferentemente dos contos maravilhosos, os contos de fada, que foram escolhidos como modelo a ser analisado e serão detalhados na segunda parte deste trabalho, têm como exemplos diversas narrativas famosas, tais como “Branca de Neve e os Sete Anões”; “A Bela e a Fera”; Rapunzel”, e várias outras, trazendo em seu enredo heróis, bruxas, príncipes, princesas, magia, etc., possuindo como solução para os conflitos presentes, basicamente o amor. Coelho (2003) define os contos de fadas como:

[...] gira em torno de uma problemática espiritual/ética/existencial, ligada à existência interior do indivíduo, basicamente por intermédio do Amor. Daí que suas aventuras tenham como motivo central o encontro/a união do Cavaleiro com a Amada (princesa ou plebeia), após vencer grandes obstáculos, levantados pela maldade de alguém. (COELHO, 2003, p. 79)

Por fim, como principal ponto acerca da essência dos contos de fada, pode-se afirmar que o mesmo se diferencia pelo fato de apresentar, em seu contexto, conflitos resolvidos por meio do encontro com o amor verdadeiro, como já descrito anteriormente, despertando nos leitores a busca pela resolução de seus conflitos internos, uma vez que se criam comparações com a vida real.

### **3. Os contos de fadas e sua relevância para o desenvolvimento cognitivo/psíquico da criança**

O trabalho com os contos de fadas na infância aparece, segundo Bettelheim (2001), como uma grande ferramenta para se estimular a construção de uma personalidade sadia, em que enquanto diverte a criança, também promove o esclarecimento, enriquecendo sua existência de tantos modos, que nenhum outro livro pode fazer justiça a profusão e diversidade, dada as contribuições dessas histórias. Os contos de fadas são apresentados nos dias atuais para as crianças, na maioria das vezes em diversas adaptações, sejam elas da Disney, ou ainda versões mais simplificadas, deixando de lado a complexidade dos contos originais, já que os primeiros traziam em seu enredo assuntos como a violência, a morte, a conotação sexual, entre outras temáticas da vida humana.

Esse “esquecimento” dos contos originais se dá segundo Bettelheim (2001) pelo fato de existir uma recusa dos adultos em admitir às crianças que parte dos insucessos da vida é consequência da natureza humana, que seria um pouco agressiva, violenta e angustiante, em que se mascara, de certa forma, a vida, não mostrando que a mesma não é só feita de sorrisos e momentos bons.

De acordo com Bettelheim (2001), a criança tem sua essência agressiva e egoísta, e é exatamente por isso que não se deveriam privar os alunos dos contos originais, mostrando, por meio de cada história, a realidade da vida humana, analisando que a estranheza existente nos mesmos “conversa” com a identidade da criança e, assim, ela pode lidar com os problemas internos inconscientes, de uma maneira muito mais lúdica e de certa forma mais “fácil”. Sobre isso, Bettelheim (2001) nos atenta, por meio de sua obra, da seguinte maneira:

[...] A maioria das crianças agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas, que lhes amortecem os significados e roubam-nas todo o significado mais profundo - versões como as dos filmes e espetáculos de TV, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia. (BETTELHEIM, 2001, p. 32)

Frente a isso, o autor nos leva a pensar que, como em qualquer obra literária, os contos perdem muito de seu conteúdo ao serem trabalhados por meio de adaptações “pobres”, que lhes retiram todo o significado, sendo que essas

adaptações, na maioria das vezes, trazem apenas o mesmo nome do conto original, sem nenhuma integridade, excluindo o seu valor literário. As adaptações construídas para as crianças, nos dias atuais, não apresentam, na maioria das vezes, nenhuma integridade com o conto original, trazendo histórias sem conflitos essenciais, significação e revelação, em que Abramovich (1997) se posiciona diante do trabalho com os contos, expondo que: “não basta conservar o título, se não se mantém a integridade da história” (p. 121). Assim, os contos de fadas originais são capazes de “conversar” com as crianças, falando de suas angústias e outros sentimentos relacionados aos conflitos da vida humana, e assim parecem desafiar o tempo, estando presentes em meio a tantas histórias que nascem e morrem ao longo da história.

Abramovich (1997) faz uma divisão dos contos, envolvendo tema e seus respectivos significados: 1) Medos - estes trazem em seu enredo situações nas quais as crianças se deparam em seu cotidiano, em que tem que aprender a lidar e enfrentar tais situações, compreendendo contos como “*Os sapatos vermelhos*”, de Andersen, além de “*O homem que saiu em busca do medo*” dos irmãos Grimm, que trazem o medo em suas diferentes formas; 2) Amor - este sentimento é trazido por meio das histórias, falando das descobertas, encantos, início e término e as suas várias dimensões, podendo ser lembrados contos como “*O soldadinho de chumbo*” e “*A pequena sereia*”, de Andersen; 3) Dificuldade em ser criança - mostrando, por meio de magias e encantamentos, a luta pelo bem e o mal, podendo ser observado tal sentimento nos contos dos Grimm “*O menino pastor*” e “*O pequeno polegar*”; 4) Carências - os contos trazem problemas de carência, sejam pobreza ou afetividade, em que “*A menina dos fósforos*”, narrada por Andersen, conta a história de uma pequena vendedora de fósforos que sofre a carência de comida, agasalho, proteção, casa, e etc.; 5) Autodescobertas - os contos falam da descoberta da própria identidade, nos quais a criança tem a possibilidade de se encontrar e se conhecer, sendo um exemplo a ser lembrado “*O patinho feio*”, de Andersen, onde é narrada a história de um patinho que percorre um angustiante caminho pelo fato de se sentir feio e diferente dos demais; 6) Perdas e buscas - alguns contos são capazes de trabalhar, com as crianças, questões de abandono e esquecimento, falando das buscas que o ser humano enfrenta durante sua vida, passando por situações de perda, traições, carências e infidelidades, tais contos como “*O pinheirinho*” de



Andersen e “Bela Adormecida”, de Perrault.

É inegável, portanto, a importância do trabalho com os contos originais durante a infância, uma vez que estes são ferramentas ricas para o desenvolvimento da criança enquanto um ser em formação e pelo fato de apresentarem tantas possibilidades de trabalho como exposto anteriormente; mas o professor não deve se esquecer das histórias contemporâneas nas quais as crianças têm contato nos dias atuais. Estas histórias não possuem as mesmas raízes dos contos, mas se fazem presentes no universo infantil, ocupando um grande espaço na vida desses pequenos indivíduos, sendo em algumas vezes mais vistas do que os próprios contos.

As histórias contemporâneas que acompanham nossas crianças são trazidas por meio de diversos suportes, tais como filmes, séries de TV, gibis, entre outros meios de comunicação. Dessa forma não há como ignorar tais histórias que tanto estão presentes na vida das mesmas; sobre isso Reis (2013) nos apresenta o seguinte fato:

[...] Esses valores atualmente são criados pela indústria cultural, em especial pelo cinema, por companhias como Disney, Pixar, DreamWorks e outras grandes empresas de animação, que retomam os contos clássicos, reconstituindo suas histórias em livros, gibis, desenhos animados, entre outros, que estão sempre em um movimento de substituição de valores considerados “ultrapassados” para determinado público. Os contos de fada, nesse aspecto, transformaram-se em produto, cujo objetivo maior é a obtenção de lucro; ou seja, o modelo capitalista apropriou-se dessas narrações e as transformou em novos modelos desvinculados dos propósitos iniciais de transmissão de valores. (REIS, 2013, p.14)

A estrutura das histórias modernas trazem basicamente questões do universo infantil, possuindo personagens e temáticas que se assemelham à vida das crianças do século XXI, sendo interessante ressaltar alguns exemplos de histórias modernas que fizeram muito sucesso entre o público infantil, em que os personagens protagonizam ações de coragem, tais como o personagem de Harry Potter da saga “*Harry Potter*” da inglesa Joanne K. Rowling; ações de heroísmo protagonizadas por Peter Pan do livro “*Peter Pan e Wendy*” do escocês James Matthew Barrie; os encantos da infância moderna vivida pelo ursinho Pooh e seus amigos, na história do poeta britânico Alan Alexander Milne “*Winnie-the-Pooh*”. Tais histórias, diferentemente dos contos originais, foram construídas pensando-se no público infantil, uma vez que os primeiros livros para crianças foram produzidos somente no

século XVIII, porém as histórias modernas se diferenciam negativamente dos contos originais, uma vez que não possuem a mesma “riqueza” em sua estrutura, pois estas, por sua vez, evitam, na maioria das vezes, os assuntos que angustiam as crianças.

Vale destacar que uma história não pode ser considerada como um conto de fadas apenas pelo fato de possuir fadas em seu contexto ou pelo fato de trazer o nome de personagens dos contos originais em suas narrativas, dado que Abramovich (1997) justifica tal fato da seguinte maneira: “Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto...” (p. 121).

O trabalho com os contos de fadas originais possibilita que se trate dos problemas existenciais do ser humano, dando sugestões de forma simbólica como a criança lidará, por exemplo, com a morte, com o abandono, com a violência, transmitindo, assim, valores para seus leitores. Os temas tratados por grande parte das histórias modernas diferente dos contos originais, não trabalham intensamente com a vida interior da criança, deixando de ajudar a mesma a encontrar significado na vida e entender melhor o mundo no qual vivemos, isso porque estas se preocupam principalmente em divertir o público infantil, sem levar a uma reflexão mais profunda em relação a vida humana.

Diante disso, ao se pensar no trabalho com os contos originais com as crianças do século XXI, aparece então a questão: “Como trabalhar com as crianças os contos de fadas em sala de aula?”. Eis uma questão que deve ser planejada, em que o professor deve buscar o interesse de seus alunos apresentando os contos de fadas originais, compreendendo que as crianças são capazes de lidar com diferentes problemas, um de cada vez, em que não se tem a necessidade de escolher as histórias de acordo com cada faixa etária e muito menos de acordo com o sexo de cada aluno, pois segundo Bettelheim (2001) os contos de fadas apresentam significados psicológicos para qualquer idade em que a criança se encontra, independentemente dos temas tratados e dos personagens presentes em cada contexto.

Ao se privilegiar o trabalho com os contos de fadas em sala de aula, o professor deve compreender a importância, bem como os benefícios do gênero literário explorado. Neste sentido, Oliveira (2010) argumenta:

[...] Os contos de fadas são importantes para a formação e a aprendizagem das crianças. Escutar histórias é uma forma significativa para o início da aprendizagem e para que o indivíduo seja um bom ouvinte e um bom leitor, mostrando um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. (OLIVEIRA, 2010, p.33)

Em relação às cenas (violência; apelo sexual; morte, e etc.) trazidas por meio dos contos de fadas originais, não se deve haver preocupações em apresentá-las às crianças, ao contrário, pois tais cenas presentes nos contos buscam resolver os conflitos internos nos quais as crianças tem que lidar. Porém, os adultos possuem uma certa resistência em apresentar essas narrativas para as crianças, temendo revelar para os pequenos os fatos que permeiam a vida humana. Pensando na questão em discussão, Cunha (2005) se posiciona da seguinte maneira:

[...] Temos o temor exagerado de deixar à mão de nossas crianças livros com cenas indesejáveis: violência, qualquer apelo ao sexo etc. No entanto, revistas, programas de televisão, o cinema e a própria vida estão aí mostrando um mundo menos arrumado do que o que apresentamos teoricamente para as crianças. (CUNHA, 2005, p.54)

Pelo exposto, considera-se que o trabalho com os contos infantis originais, sobretudo os de fadas, em sala de aula, propicia que o professor, estimule seus alunos de maneira lúdica a realizar o processo de reflexão, compreensão, recepção, entre outras ações, contribuindo para que os alunos se tornem leitores e ouvintes críticos dos contos.

#### **4. Os contos de fadas aliado ao processo de aprendizagem, com base na análise do material institucional “Ler e Escrever” do Ciclo I**

Como exposto nos capítulos anteriores, os contos de fadas são ferramentas riquíssimas para o processo formativo da criança, visto que estes têm a possibilidade de desenvolver no indivíduo, logo no início da aprendizagem, habilidades sociais, culturais, educativas e a construção de uma visão de mundo. Assim, será detalhado, neste capítulo, possibilidades de trabalho com os contos de fadas em sala de aula, sendo analisado especificamente o projeto didático do material institucional “Ler e Escrever” do Terceiro Ano das séries iniciais do ensino fundamental.

Por meio dos contos, o professor tem a possibilidade de ir além dos

conteúdos programáticos, como a leitura, a escrita e até mesmo o processo de alfabetização de seus educandos, em que Bettelheim (2001) apresenta uma questão preocupante em relação aos materiais trabalhados com as crianças em sala de aula:

[...] Os livros e cartilhas onde aprende a ler na escola são destinados ao ensino das habilidades necessárias, independentemente do significado. A maioria da chamada “literatura infantil” tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida. (BETTELHEIM, 2001, p. 12)

Diante disso, Bettelheim (2001) nos leva a pensar que os conteúdos devem fazer sentido para os educandos, buscando atribuir significados a cada atividade trabalhada. À vista disso, podemos pensar no trabalho com os contos por meio de sequências de atividades, nas quais os conteúdos propostos ganham uma organização que favorece a aprendizagem, assim como ocorre no material institucional analisado, que traz em suas páginas um projeto didático intitulado “Quem reescreve um conto, aprende um tanto”, onde os contos são aliados aos conteúdos programáticos de leitura e escrita por meio de atividades em sequência.

Um ponto importante é que, em relação à ação de se trabalhar com sequências didáticas, Zabala (1998) justifica o uso desse recurso da seguinte maneira: “O fato de ter que utilizar materiais elaborados por outros não significa uma dependência total, nem a incapacidade de confeccionar os materiais necessários quando a oferta do mercado não se ajusta às necessidades que queremos atender.” (p.176). Assim, o uso de uma sequência de atividades, segundo Zabala (1998), permite que os educadores utilizem materiais que estejam a serviço de suas propostas didáticas, incentivando as dimensões estratégicas e criativas dos professores, como pode ser observado por meio do material analisado.

O projeto didático “Ler e Escrever” segundo sua proposta, caracteriza-se como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual e municipal de ensino. Sua meta era ver plenamente alfabetizadas, até 2010, todas as crianças com até oito anos de idade (2ª série/3º.ano) matriculadas nas redes de ensino, bem como garantir recuperação da aprendizagem de leitura e escrita aos alunos das demais séries/anos do Ciclo I do Ensino Fundamental, permanecendo até hoje em exercício em algumas instituições.

O material analisado é o segundo volume da terceira edição do material institucional “Ler e Escrever”, que traz em seu conteúdo atividades do campo da língua portuguesa, que, por meio de sequências de atividades, busca trabalhar: reflexões sobre o sistema de escrita, produções de texto, reescritas, ortografia, comunicação oral, leitura, escrita, todos os conteúdos pautados na avaliação das aprendizagens dos alunos e na evolução dos conhecimentos dos mesmos.

Conforme mencionado, dentro de uma sequência de atividades do material, é apresentado como projeto didático o trabalho com os contos, que é o foco do presente trabalho, sendo intitulado como “Quem reescreve um conto, aprende um tanto!”. O seguinte projeto didático, em sua apresentação, descreve que os contos tradicionais são textos que fascinam crianças e adultos, por meio de seu conteúdo mágico; possibilitando por meio da leitura de suas histórias que os alunos conheçam outros povos, ou se reconheçam no próprio imaginário, ampliando sua forma de pensar, sentir e descrever o mundo, o que comprova tudo o que foi explorado no segundo capítulo.

Ao longo de sua apresentação, o projeto, citado acima, justifica-se pelo fato de que, para as crianças, a luta entre o bem e o mal presentes nos contos, auxiliam na organização do mundo interno no qual diferentes emoções convivem, sendo que os contos ajudam a criança a lidar com impulsos contraditórios, presente em seu interior. Ainda em sua apresentação, o projeto cita o fato de que, devido ao fascínio criado pelas crianças em relação as temáticas dos contos, as mesmas enfrentam desafios para compreendê-los, pois a linguagem presente nessas histórias, em sua maioria, não é simples; ampliando-se assim o universo linguístico e o vocabulário, conhecendo diferentes estruturas de frases e diversas possibilidades de linguagem.

Dessa forma, o projeto didático encontra-se dividido em seis etapas de trabalho, trazendo, em cada uma de suas atividades, informações para orientar e guiar o trabalho do professor em cada aplicação, dividindo-se em: Objetivos; Planejamento; Encaminhamento e Sugestões para alguns “imprevistos” que podem vir a acontecer. São trabalhados, ao longo do projeto didático, alguns contos, sendo estes: “Os três cabritinhos”, de Peter Christen Asbjornsen, retirado de *O mundo da criança*: histórias de fadas; “O rei que queria alcançar a Lua”: História do folclore do Caribe, recontada por Heloísa Prieto no livro *Lá vem história*; “A princesa e o grão de ervilha”, originalmente escrito por Hans Christian Andersen; “A boa sopa”, escrito

originalmente pelos Irmãos Grimm, entre outros contos.

Na primeira etapa *Apresentação do projeto*, o material propõe a ser realizada a Atividade 1A – Apresentação do projeto, em que o professor produzirá um cartaz, possuindo como objetivo o desenvolvimento do interesse e do comprometimento dos alunos com o projeto, momento em que os alunos terão uma antecipação do que será trabalhado, conhecendo as atividades que serão realizadas dentro do mesmo, bem como terão a possibilidade de relembrar os contos já lidos, sabendo que dentro da sequência de conteúdos, conhecerão novos contos. Segundo Zabala (1998), para conseguir que os alunos se interessem, é preciso que os mesmos tenham a possibilidade de sempre saber o que é pretendido em cada atividade, sentindo assim que o que farão satisfaz alguma necessidade.

A segunda etapa do projeto didático, intitulado como Leitura e análise dos recursos linguísticos dos contos, encontra-se dividida em três momentos, sendo estes: Atividade 2a: Leitura e Análise de um conto pelo professor, em que deve ocorrer a leitura e análise de um conto pelo docente, seguindo, como objeto proposto pelo material, neste momento, conhecer uma nova história, observando os recursos linguísticos utilizados pelo autor.

O segundo momento desta etapa do projeto - Atividade 2B – Leitura compartilhada e análise de um conto - indica que o professor organize os alunos em duplas, distribuindo cópias da história lida para cada um, fazendo uma primeira leitura com o objetivo de que os alunos conheçam a história. Após a primeira leitura, o material sugere que o professor peça aos alunos que comentem a história e indiquem partes que tenham gostado ou elementos que não agradaram, ressaltando que é importante que os alunos tenham a oportunidade de manifestar sua opinião e o que compreenderam ou não do conto, podendo ser observado, por meio dessa atividade, que os alunos expressarão aquilo que foi internalizado por meio da história. À vista disso, Coelho (2000) utiliza-se da psicanálise, apresentando explicações para a ação da criança em se identificar com os personagens dos contos, apontando que:

[...] Identificada com os heróis e as heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação – superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto. (COELHO, 2000, p. 55)

As orientações do projeto recomendam que, em uma segunda leitura, o professor realize interrupções, indicando mudanças de parágrafo, considerando que esse procedimento auxilia os alunos que se perderam a se localizar, para que realmente acompanhem o texto em suas cópias. Em seguida, é proposto que o professor faça uma nova leitura, parágrafo por parágrafo, chamando a atenção dos alunos para os recursos utilizados pelo autor, justificando-se pelo fato de que, além de simplesmente ler e contar a história, essa deve tornar-se mais bela e envolver os leitores. A ação de repetir a leitura do mesmo conto para as crianças remete a uma ideia citada por Bettlheim (2001):

[...] Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. (BETTELHEIM, 2001, p. 74)

Nesta atividade em questão, podemos perceber ainda o fato de fazer com que os alunos observem a estrutura do conto e os recursos utilizados pelo autor, possibilitando que os educandos analisem o que Coelho (2000) descreve como fatores estruturantes na composição da matéria narrativa, sendo estes: o narrador; o foco literário; a história; a efabulação (sequência dos fatos); o gênero narrativo (conto, novela ou romance); espaço; tempo; linguagem ou discurso narrativo e leitor (o provável destinatário). Um fato relevante, nesta etapa, é a organização da sala, que ocorrerá por meio de duplas, onde durante o encaminhamento do projeto, será proposto que o professor organize duplas pensando nos alunos que ainda não leem convencionalmente, sendo ressaltado que tais alunos acompanhem colegas que tenham maior domínio dessa competência.

Durante o terceiro momento dessa etapa, nomeado como Atividade 2C – Leitura e análise de um conto, o objetivo proposto é que os alunos conheçam uma nova história, observando os recursos discursivos utilizados pelo autor. O trabalho, no seguinte momento, será organizado em duplas como anteriormente, mas dessa vez os alunos realizarão a leitura sem o acompanhamento do professor.

A proposta é que as duplas recebam cópias dos contos, realizando primeiramente uma leitura para reconhecer a história, consultando o colega de dupla em relação a dúvidas quanto à compreensão do conto. O Guia de Planejamento e Orientações Didáticas recomenda que, enquanto os alunos realizam essa leitura, o

professor circule pela classe, ajudando aqueles cuja leitura é pouco fluente, sanando dúvidas quanto à compreensão de algumas palavras ou trechos, já que os contos não apresentam uma linguagem simples, trazendo diferentes estruturas de frases e diversas possibilidades de linguagem.

Após essa leitura em duplas, o professor, seguindo as orientações do material, deve organizar um momento para conversar sobre o conto com os seus alunos, observando o que cada um compreendeu, levando em consideração que:

[...] quando o contador dá tempo às crianças de refletir sobre as histórias, para que mergulhem na atmosfera que a audição cria, e quando são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversação posterior revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças. (BETTELHEIM, 2001, p. 75)

Terminado o momento de conversa, é proposto que o professor realize uma nova leitura, dessa vez compartilhada com ele; orientando as duplas, para que discutam os recursos linguísticos utilizados pelo autor, grifando ou anotando na própria folha, e depois listando coletivamente, socializando em seguida o que foi coletado em dupla, sendo focado, neste momento, a linguagem presente dos contos.

A terceira etapa do projeto didático - Produção oral com destino escrito de um dos contos - busca trabalhar a diferenciação entre a linguagem oral e a linguagem escrita; buscando que os alunos organizem o que irão escrever, releiam o que já foi escrito, verifiquem se não esqueceram trechos importantes ou questões que comprometem a coerência e a coesão do texto, escolham uma entre várias possibilidades para se começar um texto, revisem enquanto escrevem, etc. Nessa etapa é proposto que o professor releia a história antes da reescrita, garantindo que toda a turma a conheça bem.

Durante essa atividade, o professor será o escriba, apenas transcrevendo na lousa o conto que os alunos irão apresentar; passando o que foi escrito para uma folha de papel, retomando o que já foi produzido em cada aula, até findar a reescrita do conto.

Seguindo a sequência de atividades, será proposto, na quarta etapa do projeto nomeada como Reescrita em duplas, que depois da produção oral, os alunos escolham um novo conto para reescrever, entre as que foram lidas na segunda etapa. Para essa atividade, é sugerido que se organizem duplas, na qual um dos



integrantes irá elaborar o texto, ditando para o colega que, por sua vez, se encarrega de fazer o registro, sendo destacado pelo material que é importante ambos discutirem o que vão escrever em cada momento, entrando em acordo a respeito da forma de organizar as informações em palavras. Somente quando decidirem o que e como escrever, um deles vai ditar para o colega. Os alunos desempenharão neste momento o que Coelho (2000) especifica como narrador primordial, sendo este:

[...] Aquele que se assume como *testemunho* ou mediador (e não, como *inventor*) de fatos ou acontecimentos realmente acontecidos, por ele próprio presenciados ou que lhe foram narrados por alguém que os teria vivido ou testemunhado, guardando-os na memória, e transmitido a outros. (É a voz que se faz ouvir nos mitos, lendas, crônicas medievais, livros de linhagem, contos de fada, contos maravilhosos.) (COELHO, 2000, p. 67)

Essa etapa será dividida em dois momentos, sendo em um primeiro momento intitulado como Atividade 4A – Releitura e reconto para planejamento do texto– que será produzido, apresentando como objetivo desenvolver nos alunos as ações de planejamento e de escrita, para fazer a reescrita de um conto escolhido. Como é descrito no material, nesse momento os alunos escolherão em conjunto um conto no qual queiram que a professora releia, produzindo em seguida um reconto oral, para que a professora registre cada passagem do conto, segundo a interpretação e a visão de seus alunos.

Em um segundo momento desta quarta etapa, intitulada como Atividade 4B – Reescrita em duplas, tem-se como objetivo a elaboração de um texto cujo conteúdo é conhecido, utilizando-se de recursos próprios da linguagem dos contos. O projeto indica que, nesse momento, os alunos sejam organizados em duplas, no qual cada dupla realizará a reescrita do conto trabalhado anteriormente, observando-se que, para a realização da atividade, é indicado que um aluno seja o escriba e o outro organize mentalmente aquilo que será exposto no papel, ditando para o colega de dupla.

Dando continuidade à atividade anterior, a quinta etapa do projeto didático - Revisão dos textos escritos pelos alunos - busca desenvolver nos educandos a ação de revisar, analisando o que foi escrito na etapa anterior, sendo este trabalho dividido em três momentos, onde no primeiro momento da seguinte etapa, nomeada como Atividade 5A – Revisão coletiva – linguagem, é estabelecido como objetivo

que os alunos aprendam procedimentos de revisão, utilizem alguns recursos discursivos, bem como compreendam a importância da revisão no aprimoramento da linguagem utilizada, levando em consideração as características do gênero que está sendo escrito e a melhor compreensão do leitor. De acordo com as orientações do material, a revisão ocorrerá de forma coletiva, no qual a professora selecionará partes de alguns contos produzidos por outra turma que também trabalhe com o projeto, onde estes apresentem problemas de linguagem, passando o mesmo a limpo, levando os alunos à reflexão sobre os erros, pedindo sugestões dos pequenos para melhorar a linguagem e compreensão do mesmo.

Na etapa Atividade 5B – Revisão em duplas–, é estabelecido como objetivo que os alunos revisem seus próprios textos, refletindo sobre os aspectos discursivos, buscando melhorar a linguagem enquanto escrevem. O seguinte momento será organizado da mesma forma que na Atividade 4C, em que os alunos revisarão, com as suas duplas, os textos que haviam produzido anteriormente, refletindo sobre questões relacionadas à linguagem, principalmente as que comprometem a progressão temática do texto, levando, assim, os alunos a uma reflexão sobre o erro. Na Atividade 5C – Revisão dos alunos com ajuda do Professor–, por sua vez, indica-se que o professor ajude seus alunos na revisão dos contos produzidos, em que os educandos trabalharão em duplas, as mesmas das atividades anteriores. Dentro desta etapa, o material apresenta várias sugestões para que o professor auxilie os alunos nesta correção, levando em consideração que os contos produzidos serão publicados em um pequeno livro da turma.

Após essa correção, a turma caminhará para sexta e última etapa da sequência de atividades para a realização do projeto, intitulada como Finalização e avaliação, que possui como objetivo organizar os textos que serão passados a limpo nas folhas que comporão cada livrinho, propondo também que as duplas façam as ilustrações que acompanharão suas reescritas, sendo um momento para que o professor possa avaliar tudo o que foi aprendido.

A seguinte etapa será dividida em dois momentos, no qual no primeiro deles –Atividade 6ª – Passar a limpo e ilustrar, os alunos utilizarão os textos revisados na atividade 5C e folhas que serão usadas no livro (produto final), possuindo como objetivo proposto, o ato de considerar a importância da apresentação do texto, a diagramação, a limpeza, o traçado e a legibilidade das letras, para favorecer a

comunicação com os leitores. No segundo momento –Atividade 6B – Avaliação do percurso, a sala será organizada de forma coletiva, como o projeto propõe, sendo estabelecida uma conversa a respeito de todo o projeto, em que o professor questionará os alunos sobre o que aprenderam ao longo das etapas trabalhadas; mostrando o cronograma em forma de cartaz produzido na Atividade 1, analisando se todas as atividades propostas foram realmente trabalhadas.

Nessa última etapa é proposto também que os professores, juntamente com o coordenador pedagógico, avaliem, de forma coletiva, o projeto, buscando criar um momento para a avaliação e replanejamento do trabalho para o ano seguinte, seguindo-se um roteiro presente no Guia de Planejamento e Orientações Didáticas, visando nortear a seguinte avaliação acerca do projeto didático.

Ligadas à aprendizagem dos contos infantis, mais especificamente dos contos de fadas, foram apresentadas, em sequência, propostas de atividades diversificadas, levando os educandos a exercitarem o processo de leitura e compreensão do texto; atividades de reescrita, no qual cada criança tem a possibilidade de expor aquilo que compreendeu e internalizou; atividades de observação dos recursos linguísticos trazidos por meio dos contos, visando, portanto, ampliar o universo linguístico da turma, bem como a interação e a troca de ideias proporcionada pelo trabalho organizado em duplas.

## **5. Considerações Finais**

Após o estudo realizado, podemos concluir que os contos exercem na infância o papel de estimular a construção de uma personalidade saudável, divertindo e ao mesmo tempo esclarecendo a criança por si própria. O presente estudo permitiu-nos constatar que existe um “esquecimento” dos contos originais, pelo fato de os adultos não quererem admitir as crianças que a vida não é feita somente de momentos bons, existindo também os momentos ruins, bem como os conflitos que permeiam a vida humana. Partindo dessa recusa dos adultos em apresentar os contos originais para as crianças, observa-se que tais textos devem ser apresentados os educandos pelo fato de possuírem a capacidade de “conversar” com a criança nos mais variados temas, trazendo inúmeros significados, como: medos; amor; carências; autodescobertas; perdas e buscas, entre outros.

Por meio do trabalho com os contos, o professor, em sala de aula, estará estimulando seus alunos de maneira lúdica a realizar o processo de reflexão, compreensão, recepção, entre outras ações, nas quais propiciarão que os alunos se tornem leitores e ouvintes críticos, compreendendo que essas narrativas podem ser trabalhadas com êxito em sala de aula, a partir da análise de sequências de atividades, como acontece no Projeto “Quem reescreve um conto aprende um tanto”, presente no material institucional “Ler e Escrever”.

De acordo com a pesquisa, pode-se constatar que os contos infantis, mais especificamente, os contos de fadas, têm um papel fundamental para a aprendizagem significativa. Ao longo das sequências trabalhadas por meio do projeto “Quem reescreve um conto aprende um tanto”, observa-se em cada uma das etapas analisadas e descritas anteriormente, que os contos de fadas contribuem significativamente no processo de aquisição da linguagem, trazendo atividades que, quando planejadas, ordenadas e organizadas, buscam fazer sentido para alunos e, assim, favorecem o processo de ensino e de aprendizagem.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. *O conto de fadas: símbolos e mitos arquetípos*. 1. ed. São Paulo: DCL, 2003.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. 04. ed. São Paulo: Ática, 2005.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles. *A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças*. 2010. 62 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2000. Disponível em <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-PATRICIA-SUELI-TELES-DE-OLIVEIRA.pdf>> Acesso em: 10 set. 2016.

REIS, Glaucia Mariana. *A importância dos contos de fadas originais no desenvolvimento infantil: um incentivo ao raciocínio lógico*. 2013. 111 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2013. Disponível em <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/120737?show=full>>. Acesso em: 23 set. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; professor – 2ª série, 3. ed. São Paulo: FDE, 2010.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. 10. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

*Recebido em 6/2/2017*

*Aprovado em 17/4/2017*